O AZUL QUE NOS RECONHECE: INFÂNCIA, ARTE E PERTENCIMENTO A PARTIR DA OBRA DE EMERSON ROCHA

Vanessa Aparecida Marconato Negrão
Prefeitura Municipal de Sorocaba

RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido com crianças da educação infantil em uma escola localizada na periferia de Sorocaba, a partir do contato com a obra do artista visual Emerson Rocha. A proposta teve como ponto de partida a participação da autora em uma atividade formativa no Museu FAMA, desdobrando-se na mediação estética com as crianças por meio da apreciação de obras e da experimentação com materiais inspirados nos processos do artista, especialmente na produção de tonalidades de azul a partir do uso do waji.

O estudo evidencia como a aproximação entre arte contemporânea afro-brasileira e o cotidiano das crianças favorece processos de identificação, pertencimento e criação, mobilizando repertórios culturais e experiências vividas. Destaca-se, ainda, a potência pedagógica de práticas que rompem com abordagens recorrentes no contexto escolar, especialmente no período do Dia da Consciência Negra, propondo caminhos mais sensíveis, contextualizados e esteticamente significativos.

As análises apontam para a relevância da representatividade negra na educação infantil, bem como para a necessidade de ampliação do repertório artístico apresentado às crianças, com a inserção de produções oriundas das periferias. Conclui-se que a obra de Emerson Rocha, ao articular estética, identidade e território, constitui-se como um importante dispositivo formativo, contribuindo para a construção de práticas educativas mais plurais, críticas e comprometidas com a valorização das infâncias.

Palavras-Chave: Educação Infantil, *Arte Contemporânea Afro-brasileira****,*** *Representatividade Negra****,*** *Experiência Estética****,*** *Educação em Periferias*

INTRODUÇÃO

Participei, num sábado em julho de 2025, de uma atividade formativa promovida pelo Museu FAMA, no âmbito de sua Programação Educativa e Cultural (PRONAC 2410672), realizada com apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), patrocínio do Itaú e copatrocínio do Banco Inter, entre outros colaboradores institucionais. A proposta consistiu em

uma conversa com o artista visual, crítico e curador Emerson Rocha, configurando-se como um espaço de escuta, diálogo e formação estética.

A atividade foi marcada por significativa participação do público e por uma ambiência de escuta sensível, na qual pude acompanhar a partilha, por parte do artista, de aspectos de sua trajetória, motivações e processos de criação. Natural de São Roque (SP), Emerson Rocha tem se destacado como uma das vozes expressivas da arte contemporânea afro-brasileira, mobilizando, em sua produção, elementos que tensionam e ampliam as representações acerca do corpo negro, da identidade e das vivências periféricas.

DESENVOLVIMENTO

Durante o encontro, observei como o artista articula, em sua poética, temas como ancestralidade, afetividade, sonhos e resistência, valendo-se de escolhas estéticas e materiais que carregam forte dimensão simbólica. Destacou, nesse sentido, o uso recorrente das cores azul e preto — sendo o azul resultante da combinação entre tinta acrílica e anil africano — além da presença do dourado e do branco como elementos estruturantes em suas composições.

Formado em Arte: História, Crítica e Curadoria pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o artista também refletiu sobre o papel da arte como instrumento de transformação social e de reconhecimento. Em sua fala, evidenciou que o impulso criativo emerge como necessidade de enfrentamento aos estereótipos e preconceitos historicamente atribuídos a corpos negros, propondo, por meio de sua obra, outras possibilidades de leitura e de afirmação.

A mediação, conduzida pelos educadores Emerson Ribeiro Castilho e Thiago Raymundo, contribuiu para o aprofundamento das discussões e para a construção de um diálogo qualificado entre artista e público. Considero que a experiência se configurou como um momento formativo de grande relevância, evidenciando a potência da arte como campo de escuta, troca e produção coletiva de sentidos.

É a partir dessa vivência que se delineia o presente artigo, no qual proponho um relato de experiência acerca da apresentação da obra de Emerson Rocha a crianças, buscando refletir sobre os desdobramentos pedagógicos, estéticos e formativos desse encontro no contexto da educação infantil.

No que se refere aos aspectos materiais e simbólicos de sua produção, chamou-me atenção o azul singular presente nas obras de Emerson Rocha. Segundo o artista, essa tonalidade é obtida a partir do uso do waji — pigmento de origem africana, tradicionalmente associado ao anil, produzido por meio de processos artesanais que envolvem saberes ancestrais ligados à terra, ao tempo e à transformação da matéria. Mais do que um recurso cromático, o waji inscreve, na superfície da obra, uma dimensão de pertencimento e memória, evocando vínculos com a ancestralidade africana e com práticas culturais historicamente transmitidas entre gerações.

Nesse contexto, o azul não atua de forma isolada, mas em diálogo direto com o preto retinto, cuja presença é intensificada pelo contraste cromático, configurando um ponto de atenção central nas composições. Tal escolha evidencia não apenas uma decisão estética, mas também um posicionamento político e poético, ao destacar a potência visual e simbólica do corpo negro em sua inteireza. O uso articulado dessas cores, somado à inserção de elementos como o dourado e o branco, contribui para a construção de uma linguagem autoral marcada pela força expressiva e pela originalidade.

Essa originalidade, por sua vez, ultrapassa o circuito expositivo tradicional e alcança outros campos da cultura brasileira. Um exemplo significativo desse reconhecimento ocorreu quando o cantor e compositor Gilberto Gil incorporou obras de Emerson Rocha à cenografia de sua turnê de despedida, intitulada Tempo Rei. Nesse contexto, as imagens do artista foram projetadas durante as apresentações, dialogando com o repertório musical e ampliando a experiência estética do público. A presença de suas obras em um espetáculo de grande alcance nacional e internacional evidencia não apenas a potência de sua produção, mas também sua capacidade de estabelecer conexões sensíveis entre diferentes linguagens artísticas, como as artes visuais e a música.

Tal articulação reforça a relevância contemporânea de sua obra e contribui para compreender os impactos que essa estética pode produzir em distintos contextos formativos — aspecto que orienta, de modo central, a reflexão desenvolvida neste artigo.

Ao iniciar a projeção das obras de Emerson Rocha para apreciação das crianças, observei um movimento imediato de identificação e reconhecimento. As imagens mobilizaram, desde os primeiros instantes, comentários atentos aos detalhes das vestimentas, dos cortes de cabelo e dos gestos corporais representados. Em uma das interações, uma criança, ao observar

a obra Abram-se os caminhos, estabeleceu uma relação direta com sua própria experiência estética, afirmando: "Olha, no cabelo dele tem uma estrela, no meu tem um raio". Tal fala evidencia não apenas a percepção sensível da imagem, mas também a apropriação simbólica da obra a partir de referências pessoais e culturais.

De modo semelhante, diante da obra Jorge, as crianças prontamente identificaram a cena da motocicleta empinando — prática recorrente em contextos periféricos —, reagindo com entusiasmo e familiaridade. Esse reconhecimento imediato aponta para a potência de uma produção artística que dialoga com o cotidiano vivido, permitindo que as crianças se vejam representadas e legitimadas nas imagens apresentadas.

Para compreender a densidade dessas interações, faz-se necessário situar o contexto em que se inserem. A escola em que atuo localiza-se na periferia de Sorocaba, mais especificamente no bairro Júlio de Mesquita Filho. A região tem sua origem vinculada ao processo de expansão urbana do município, especialmente a partir da segunda metade do século XX, quando políticas habitacionais e loteamentos populares passaram a configurar novas áreas residenciais destinadas, majoritariamente, à população trabalhadora.

> O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 2011, p. 8).

Caracterizado por uma forte presença de comunidades periféricas, o bairro reúne dinâmicas próprias marcadas por redes de sociabilidade intensas, circulação cultural significativa e uma paisagem urbana em constante transformação. Ao mesmo tempo, enfrenta desafios históricos relacionados ao acesso a serviços públicos e à desigualdade socioespacial. É nesse território, atravessado por múltiplas experiências e formas de vida, que as crianças constroem seus repertórios, os quais emergem de maneira vívida no encontro com a obra de Emerson Rocha.

Assim, as reações observadas durante a atividade não se configuram como respostas pontuais, mas como expressões de um reconhecimento mais amplo, que articula identidade,

pertencimento e experiência estética — elementos fundamentais para a reflexão que este relato se propõe.

Na sequência da apreciação, propus às crianças uma experiência de exploração material inspirada nos procedimentos de Emerson Rocha, convidando-as a produzir o seu próprio azul a partir da mistura de guache branco com waji. O envolvimento foi imediato e intenso: ao manipular a tinta, as crianças demonstraram encantamento com a transformação cromática, reiterando, com entusiasmo, a beleza da cor que emergia do processo. Esse movimento evidenciou não apenas o interesse pela materialidade, mas também a dimensão sensível da experiência estética, na qual o fazer se entrelaça ao sentir e ao significar.

> "Através da Arte, os significados dos objetos que de outro modo seriam opacos, caóticos ou restritos e que despertariam resistência, são esclarecidos e concentrados, e não por sua trabalhosa elaboração no pensamento, não pela fuga para um mundo meramente sensorial, mas pela criação de uma mesma experiência" (Dewey, 2010 p. 256).

Como suporte, utilizamos o papelão, escolha que se mostrou potente tanto pela acessibilidade quanto pela resposta tátil e visual que oferece à pintura. Diante da expectativa em ver a tinta cobrindo a superfície, as crianças optaram, de forma autônoma, por iniciar o trabalho com a pintura do fundo em azul, para, posteriormente, elaborar suas composições. Tal decisão revela uma compreensão intuitiva de procedimentos pictóricos, aproximando-se, ainda que de modo não formalizado, de estratégias presentes no campo das artes visuais.

A aplicação da tinta resultou, em grande parte dos trabalhos, em uma cobertura uniforme, o que indica o cuidado e a atenção dedicados ao gesto. Algumas crianças, movidas pelo desejo de explorar ao máximo a experiência, decidiram pintar ambos os lados do papelão, estendendo a ação para além da superfície inicialmente proposta. Nesse processo, nem mesmo os nomes grafados na parte posterior foram preservados, sendo incorporados à camada de cor. Tal gesto pode ser compreendido como uma ampliação do campo da criação, na qual os limites convencionais do suporte são tensionados em favor de uma relação mais integral com o fazer artístico.

Essa etapa da atividade evidencia, portanto, como a experimentação com materiais, aliada a referências estéticas significativas, pode favorecer processos de criação nos quais as

crianças não apenas reproduzem, mas reinventam, exploram e atribuem sentidos próprios às experiências vividas.

Após a aplicação da camada de fundo, deixamos os suportes em papelão secarem e retomamos a atividade aproximadamente duas horas depois, com o objetivo de dar continuidade às produções. Essa pausa, imposta pela própria materialidade da arte, dialoga com a ideia de que "alimentar o universo imaginário das crianças [...] implica tempo de espera. [...] O tempo linear, que passa controlado pelo adulto [...] não foi e nem está pensado e planejado para acolher a arte, que obedece à espécie de tempo-espera" (Ostetto, 2011, p. 7). Respeitar esse tempo de secagem foi, portanto, respeitar o tempo da própria experiência estética".

Para esse segundo momento, organizei o espaço de modo a favorecer a observação e a retomada das referências visuais, disponibilizando reproduções impressas das obras de Emerson Rocha. Tal estratégia possibilitou que as crianças revisitassem elementos anteriormente apreciados, estabelecendo relações entre memória, observação e criação.

Foram oferecidas tintas nas cores branca, amarela e preta. Cabe destacar que houve uma tentativa de aproximação com o dourado presente nas obras do artista; no entanto, em função das limitações materiais — especialmente pela baixa densidade do guache disponível — não foi possível alcançar a tonalidade desejada. Ainda assim, essa limitação não se configurou como obstáculo para o processo criativo, sendo incorporada pelas crianças como parte das possibilidades expressivas do momento.

As produções resultantes evidenciam, de maneira significativa, a inspiração nas obras de Emerson Rocha, não no sentido de reprodução, mas de apropriação criativa. Observam-se recorrências nos temas, nas composições e em determinados elementos visuais, como os contrastes cromáticos, os grafismos nos cabelos e a ênfase nas figuras humanas. Ao mesmo tempo, cada trabalho revela soluções singulares, marcadas pelas experiências, repertórios e gestos próprios de cada criança.

Nesse sentido, as produções que seguem não apenas ilustram o desenvolvimento da atividade, mas constituem registros potentes de um processo em que a arte contemporânea, quando mediada de forma sensível e contextualizada, se torna um campo fértil para a construção de sentidos, identidades e narrativas na infância.

> A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam nos próprios

valores da vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades, já dentro de um quadro de uma cultura. (OSTROWER, 1987 p. 5).



Figuras 1, 2, 3 e 4: *Produções de estudantes, 2025*
Fonte*: Acervo da autora*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de considerações finais, reafirmo a centralidade da representatividade negra na constituição de experiências estéticas significativas para crianças que vivem em contextos periféricos. O encontro com a obra de Emerson Rocha evidenciou o quanto a arte, quando atravessada por referências próximas ao cotidiano, às corporalidades e às vivências dessas crianças, potencializa processos de identificação, pertencimento e produção de sentido. Nesse contexto, sua produção se destaca não apenas pela força poética e política, mas também por instaurar uma visualidade que é, ao mesmo tempo, acessível e familiar, sem abrir mão da complexidade estética que a constitui.

Cabe situar que a experiência aqui relatada foi realizada no mês de novembro, período em que, no contexto escolar brasileiro, intensificam-se as propostas pedagógicas voltadas à Dia da Consciência Negra. Ainda que tais iniciativas sejam fundamentais, observa-se, com frequência, a recorrência de abordagens já cristalizadas na educação infantil, como a reprodução de máscaras africanas ou a utilização reiterada da obra Menina Bonita do Laço de Fita, muitas vezes esvaziadas de problematização e aprofundamento crítico.

Nesse cenário, a inserção da obra de Emerson Rocha configurou-se como um respiro e como um gesto de deslocamento em direção à originalidade. Ao apresentar às crianças uma produção artística contemporânea, vinculada a experiências periféricas e comprometida com a valorização de identidades negras, abriu-se um campo fértil para novas formas de ver, sentir e criar, ampliando o repertório estético e cultural no interior da prática pedagógica.

Dessa forma, sustento que artistas periféricos como Emerson Rocha precisam ser cada vez mais visibilizados e incorporados ao cenário artístico e educativo brasileiro. Trata-se não apenas de reconhecer sua relevância no campo das artes, mas de afirmar a urgência de que suas produções circulem, sejam estudadas e integrem os processos formativos desde a infância, contribuindo para a construção de uma educação mais plural, crítica e socialmente comprometida.

Referências

DEWEY, J. A arte como experiência. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. Acervo digital Unesp, v. 3, p. 27-39, 2011.

OSTROWER, F Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

ROCHA, Emerson [@de.saturno]. Instagram, 2026. Disponível em: instagram.com. Acesso em: 23 maio 2026.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha (org.). Território, territórios, ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 13-21